

## As Múltiplas Maneiras De Ser Dos Pombos e Seus Afetos: Como Pombos e Outras Aves Cativam Os Seres Humanos

The Multiple Ways Of Pigeons Being And Their Affections: How Pigeons And Other Birds Captivate Humans

Sarah Faria Moreno<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo propõe uma reflexão a respeito da cativação das pessoas por alguns animais, em determinados contextos e situações específicas, com especial foco nas múltiplas maneiras de ser dos pombos urbanos e em sua capacidade de afetar, além de algumas distinções perante outras aves. Essas reflexões partem, sobretudo, da noção de *unloved others* e do que concerne às presenças cotidianas para pensar até que ponto é a espécie que determina certa cativação dos seres humanos. Além disso, ao compreendermos as múltiplas maneiras de ser dos pombos e sua capacidade de afetar, vemos interações destes com os humanos que podem ser traduzidas em combate, nojo, controle, apreciação, proteção e convívio. Entendendo que estas interações se dão de maneiras diversas, procuro refletir como a noção de *unloved others* pode auxiliar para se pensar os pombos, uma vez que estes, em determinados contextos e situações, podem se tratar de uma espécie tida como não querida pelas pessoas, mas também podem ser, em essência, de maneira múltipla.

**Palavras-chave:** Humanos e animais. Pombos. *Unloved others*. Ontologias múltiplas. Antropologia.

### Abstract

This article aims to propose a reflection about the captivation of people for some animals, in specific contexts and situations, focuses on the multiple ways of pigeons being and its affection capacity, as well in its distinction towards other birds. These reflections start, mainly, from the unloved others concept and the daily presences to think how far it is the specie that determine some captivation by human beings. Furthermore, once we comprehend the multiple ways of pigeons being and its affection capacity, we can see interactions of these with humans that can be translated by fighting, disgust, control, appreciation, protection and living with. Understanding that these interactions happens in many ways, I shall to think how the unloved others concept may help to think pigeons, once they can be, in specific contexts and situations, a unloved specie by people, but also can be, essentially, in a multiple way.

**Keywords:** Humans and animals. Pigeons. *Unloved others*. Multiple ontologies. Anthropology.

### Introdução

De que maneira os humanos são capturados pelos animais em seu imaginário é uma questão instigante a este artigo. Sobretudo, o que faz com que alguns animais sejam mais quistos que outros? Iniciei minhas indagações acerca da ambivalência dos pombos, a princípio, sob um viés estético de suas colorações, entre finais de 2015 e início de 2016. Como poderia um mesmo animal, do ponto de vista biológico, quando inteiramente na cor branca, representar pacifidade, religiosidade e estimular o apreço das pessoas, ao passo que, se a escala de cor fosse levemente elevada ao cinza, este animal já seria submetido à condição de um “rato com asa”? Esta indagação norteou minha pesquisa etnográfica, levando-me a observar as diversificadas possibilidades de

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS-UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil). E-mail: sarah.fmoreno@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6626-2922>.

relações constituídas entre as pessoas e os pombos, levando-me ao maior porto brasileiro – o Porto de Santos – onde essas aves são abundantes e perturbantes, bem como, levando-me ainda, à inquietude ao pensar em outros animais que, ao mesmo tempo em que em muito se assemelham, logo se distanciam longinuamente dos pombos.

Foi no início de 2018, depois de já ter trilhado os caminhos a que minhas indagações me levaram, que a ideia de que alguns animais cativam – e se estendermos essa linha a um limite, talvez se possa dizer que mereçam proteção e cuidado – mais do que outros, veio à tona mais uma vez. Era uma tarde qualquer quando aguardava o ônibus rodoviário com destino a São Carlos – SP e peguei o celular para checar as redes sociais e afastar o tédio da espera. Duas publicações, num mesmo grupo do Facebook – o grupo da UFSCar – intrigaram-me um bocado naquele instante! A primeira, com pelo menos 300 reações, entre “likes” e indicativos de surpresa e tristeza, de um rapaz que havia encontrado uma coruja machucada, a qual ele indicava ser uma Coruja Orelhuda (*Asio clamator*), e procurava um centro de reabilitação de aves, ou algum órgão responsável para levá-la. O autor da publicação já havia atualizado duas vezes o público – que acompanhava os comentários assiduamente –, informando-lhe que conseguira ajuda e agradecendo: “obrigado a todos por me ajudar a salvar esse animal maravilhoso!”. Já a segunda publicação era de uma moça que encontrara um pombo com a asa machucada e buscava por ajuda. Diferentemente da repercussão da Coruja Orelhuda, apenas um “like” e um comentário de uma pessoa que a aconselhava a recolher o animal e, então, buscar ajuda, ao qual a autora da publicação replicou que infelizmente não poderia, pois estava num compromisso inadiável.

Aquele contraste gritante entre as duas publicações me inquietou. Eram duas aves com o mesmo problema: um ferimento na asa. Ambas as publicações continham fotos das aves machucadas, o que não poderia sugerir um maior apelo pela questão visual. Então, por que apenas uma causava tanta comoção às pessoas? O que proponho nas páginas que se seguem é uma reflexão acerca das tantas possibilidades de relação entre humanos e aves, com especial foco nos pombos, em diversos contextos de situações relatadas por meio de notícias em cidades brasileiras e europeias; e de como esses animais, tão presentes corriqueiramente na vida dos seres humanos, podem ser compreendidos como *unloved others* – ou, “outros não amados” – (ROSE; VAN DOOREN, 2011). Essa ideia de outros não amados nos dá um breve entendimento dessa preferência, ou comoção, por determinados animais em detrimento de outros, conforme veremos posteriormente.

Trago alguns dados de notícias veiculadas pela imprensa sobre as relações estabelecidas entre as pessoas e os pombos. A busca por estas notícias se deu a partir de uma primeira pesquisa genérica por palavra-chave – a saber, “pombos” – em buscadores de sites na internet, com o intuito de coletar e compreender o que se noticiava a respeito destas aves nos últimos anos, tanto a nível nacional quanto internacional. Para além desta primeira pesquisa de notícias na internet, quando estava realizando minha pesquisa de campo na cidade de Santos – SP, visitei a Hemeroteca Municipal Roldão Mendes Rosa, a qual contava com um grande acervo dos principais jornais locais de Santos e região. A recomendação para procurar pela Hemeroteca me foi dada quando visitei, a princípio, o acervo do jornal da cidade *A Tribuna*, o qual organizava seus cadernos por ano de publicação e não existia uma base de dados digital para buscar palavras-chave em específico. A funcionária responsável pelo acervo me sugeriu visitar a Hemeroteca, pois lá era possível eu conseguir acessar notícias a partir de filtros específicos de minha escolha.

Todas essas notícias que pude acessar apontam para algumas possibilidades de relação, dentre as quais destaco o combate, o nojo, o controle, a apreciação, a proteção e o convívio. Além disso, as notícias trazem os pombos como pragas urbanas, vetores a serem combatidos de diversas formas, geradores de um enorme incômodo às pessoas, mas também apontam para um convívio positivo, por assim dizer, entre as pessoas e os pombos, seja alimentando-os ou deixando-os empoleirarem em seus corpos e moradias. Outras notícias, ainda, relatam um quesito artístico de apreço pelas aves na forma de fotografias, bem como intervenções artísticas com as mesmas e práticas de columbofilia – basicamente uma competição de pombos correios.

No cenário santista, em específico, trago um breve contraste das relações entre pessoas e pombos por meio de notícias e o caso específico ao qual dediquei minha pesquisa de mestrado, os pombos no Porto de Santos. Devido à grande movimentação de grãos no porto, em especial soja e milho, os pombos se atraem pela abundante oferta de alimento e fazem dali seu lugar de permanência. Esta presença dos pombos acaba sendo incômoda por trazer riscos tanto econômicos quanto de saúde pública. A partir deste risco, a autoridade portuária CODESP (Companhia Docas do Estado de São Paulo) instituiu um programa de controle integrado de fauna sinantrópica nociva, o qual abrange o controle de animais como mosquitos, ratos, pombos, cães e gatos. Durante os meses de abril a julho de 2017 pude acompanhar a equipe da GESET (Gerência de Segurança do Trabalho), responsável direta pelo programa de controle, na atuação prática do mesmo. A seguir, exploro a ideia de *unloved others* para que, na sequência, possamos compreender como esta auxilia a pensar os pombos e outras aves para além da noção de espécie.

### **Mais Próximo e Conhecido do que se Pensa: Quem são esses Outros não Amados?**

Quando pensamos nos pombos dentro de relações de apreciação, proteção e convívio, talvez a ideia de outros não amados não pareça cabível, uma vez que, em sua maioria, esses “outros” são espécies não mamíferas que estão mais próximas do cotidiano humano, porém menos visíveis e menos bonitas em comparação aos animais tidos como “queridos”. Na definição dos antropólogos Deborah Rose e Thom van Dooren (2011), estes não amados se diferem, por exemplo, dos ursos pandas, tigres e baleias que, embora capturem e cativem o imaginário das pessoas, raramente estão presentes em seu cotidiano – um cenário possível para essas presenças são os zoológicos.

No que diz respeito ao cotidiano, a antropóloga Joanna Overing (1999) indica certo desinteresse dos antropólogos pelo cotidiano se comparado ao que é considerado exótico, isto é, as atividades corriqueiras são um tanto entediantes e escapam da observação antropológica. Se o cotidiano assim escapa aos antropólogos, os animais presentes nesse cotidiano talvez também escapem não apenas dos antropólogos, mas de tantas outras pessoas que, por vezes, sequer os percebem, tal como mostrei no relato de abertura deste artigo o contraste de repercussão acerca dos ferimentos de uma coruja, que pouco se vê no dia-a-dia, e de um pombo.

Nesse sentido, também é válido mencionar a questão do especismo, discutida por Philippe Descola (1998), a partir de Peter Singer (1989), de que a simpatia dos humanos por alguns animais se deve aos aspectos comportamentais, fisiológicos, cognitivos e emocionais destes últimos serem mais parecidos com os dos primeiros, o que constitui, portanto, uma “escala de valor”; por isso, acredita-se que os “mamíferos são os mais bem aquinhoados nessa hierarquia do interesse” (DESCOLA, 1998, p. 23). Contudo, lembremo-nos que ratos e morcegos também são mamíferos e, nem por isso, parecem ser bem quistos pelas pessoas. Já outros animais não mamíferos, como as tartarugas-marinhas, por exemplo, parecem cativar bem mais os humanos, no sentido em que existe, por parte desses, toda uma proteção às tartarugas, como o Projeto TAMAR<sup>2</sup>. Ou ainda, como o caso da Coruja Orelhuda relatado na introdução deste artigo, em que mesmo tratando-se de uma mesma situação (ferimento na asa), com dois animais de uma mesma classe animal (ave), apenas um gerou comoção.

Meu objetivo, ao trazer estes exemplos, é o de explicitar que, embora em muitos casos essa “escala de valor” de que fala o especismo possa ser identificada, não é possível nos restringirmos à ideia de que as espécies determinam relações. Demonstrarrei como os pombos ora podem ser apreciados e bem quistos, ora desprezados pelas pessoas – podendo ser não amados – independente, então, da noção de espécie.

Uma vez entendido quem são esses *unloved others*, demonstrarei a seguir os múltiplos afetos que pode um pombo nos encontros com os humanos – para utilizar os termos espinhosistas

<sup>2</sup> Eliana Creado *et al.* (2016, p. 352) tratam, especificamente, sobre as tartarugas marinhas no TAMAR. Em seu texto, explicam como as tartarugas foram ressignificadas, pelo TAMAR, de um animal fonte de alimento para a população local, a um animal a ser conservado.

e deleuzianos. Deleuze (2002, p. 130) faz uma aproximação da *Ética* de Espinosa com o campo da etologia; seu argumento, em suma, é de que:

[...] a etologia é, antes de tudo, o estudo das relações de velocidade e de lentidão, dos poderes de afetar e de ser afetado que caracterizam cada coisa. Para cada coisa, essas relações e esses poderes possuem uma amplitude, limiares (mínimo e máximo), variações ou transformações próprias.

Isto quer dizer que quando dois sujeitos se encontram cada qual tem a capacidade de afetar o – e ser afetado pelo – outro de diversas maneiras. O resultado do encontro pode ser positivo ou negativo (limiares para o bem e para o mal, como sugere Deleuze), isto é, aumentando ou diminuindo a vontade de potência do sujeito. O que me interessa é, justamente, explicitar a capacidade de afeto dos pombos, aumentando e/ou diminuindo a vontade de potência dos humanos. Deste modo, nos encontros entre estes sujeitos visualizaremos seus limiares.

A exposição destes afetos será feita a partir de algumas notícias veiculadas pela imprensa em escalas locais – da cidade de Santos –, nacionais e globais – referentes a outras cidades brasileiras e europeias, bem como a partir de meu campo etnográfico no Porto de Santos. As notícias foram pesquisadas em acervos físicos em Santos, e a partir de sites de busca na internet, a fim de se verificar o que era e é dito a respeito dos pombos nestas escalas.

### **Entre o Desprezo e a Estima Habita um Pombo**

Nesta seção busco ilustrar a multiplicidade e ambivalência das relações entre humanos e pombos a partir de notícias veiculadas à imprensa em escalas internacional, nacional e local. Chamo de internacional e nacional as notícias pesquisadas a partir de sites de busca na internet e que se referem ao Brasil, de maneira geral, e a alguns países europeus. Já o que chamo de escala local, refere-se às notícias pesquisadas exclusivamente em acervos específicos da cidade de Santos – SP e aos dados de meu campo etnográfico no Porto de Santos. Podemos então pensar que essas notícias apontam para os afetos que podem os pombos, segundo a linha de Deleuze (2002) de que os corpos afetam e são afetados de maneiras diferentes em cada encontro. Assim, as primeiras notícias que apresento, bem como meus dados de campo, fazem referência a um afeto desprezível dos pombos que mobiliza medidas de combate e controle dos mesmos, enquanto que as últimas se referem a um afeto de apreciação e convívio. Na primeira chave desses afetos, valer-se-iam situações que apontam para proibições de se alimentar as aves e o extermínio das mesmas; ao passo que, na segunda, as que se referem a algum tipo de apreciação dos pombos por parte dos humanos.

Em escala nacional e internacional, vários municípios já adotam leis que proíbem as pessoas de alimentarem pombos, sob pena de multa, uma vez que essas aves, neste contexto, passam a ser consideradas pragas urbanas, vetores a serem controlados. Alguns dos municípios a adotarem tal lei são Caxias do Sul – RS, Guarulhos – SP e Veneza (Itália) (CÂMARA..., 2013; PORNE, 2015; POVOLEDO, 2008). O caso de Veneza faz-se interessante por apresentar, ainda, aspectos referentes ao turismo e à conservação patrimonial. Pode-se dizer que os pombos fazem – ou ao menos faziam, antes da proibição – parte do turismo veneziano, uma vez que a Praça de São Marcos recebe a visita de turistas diariamente que interagem de diversas formas com as aves, seja alimentando-as, tirando fotos, ou deixando-as empoleirarem em seus corpos. Além disso, a Praça também contava com a presença de vendedores de grãos, que contribuíam com a movimentação desse turismo e das práticas de alimentação por parte dos turistas. Com a proibição desta prática, em 2008, foi também proibido o comércio de grãos na Praça, sob a justificativa de que as fezes dos pombos estavam deteriorando monumentos e que a limpeza e restauração dos mesmos custariam em torno de 200 euros por morador anualmente (STEWERT, 2008).

Nessas primeiras notícias temos a proibição por lei de alimentar as aves, sendo extremamente curioso o caso veneziano. Neste contexto, percebemos as aves como pragas urbanas, sujeitos não tolerados na cidade, a qual, como bem nos lembra Lévi-Strauss (1957, p. 126),

é “a coisa humana por excelência”. Deste modo, não é difícil associar a figura do pombo urbano com a dos ratos e ratazanas que habitam, incomodam e contaminam os centros urbanos. Não à toa, muitas pessoas se referem aos pombos como *ratos com asas*, pois ambos povoam as cidades em abundância, possuem coloração cinzenta e carregam consigo a possibilidade e o estigma do risco de transmissão de doenças – como a leptospirose no caso dos ratos. Neste sentido, pombos se distanciam daqueles pássaros que capturam o imaginário humano e são queridos – seja por suas cores ou cantos – e assemelham-se mais aos animais que são alvos de escória, como os ratos. Esta analogia entre pombos e ratos foi muito frequente em meu campo etnográfico no Porto de Santos, uma vez que meus interlocutores relatavam que durante o dia, a presença incômoda eram os pombos, ao passo que, à noite, eram os ratos; ou ainda quando me mencionavam que, para eles, os pombos eram ratos com asas e ali não existia *pombinha da paz*. Além destas constatações em campo, o sociólogo Colin Jerolmak (2008) faz um levantamento de notícias nos jornais estadunidenses a fim de compreender quando os pombos passaram a ser associados com ratos, tendo em vista que tal analogia tem uma historicidade. Jerolmak percebeu que o termo *ratos com asas* ganhou certa popularidade após um comissário do Parque Bryant, em Nova Iorque, referir-se às aves desta forma.

No caso de Veneza, aparecem dois fatores para além da relação, de certa forma restrita, entre pessoas e pombos: o turismo e a arquitetura local. Percebe-se uma rede de agentes e relações envolvendo turistas, comerciantes, pombos, suas fezes, arquitetura local, ou mesmo o cartão-postal da cidade, a Praça de São Marcos. Ao adotar a lei de proibição, toda a rede de agentes é afetada: comerciantes de grãos foram proibidos de continuar a venda no local; o turismo possivelmente sofra alguma consequência no longo prazo; as pessoas que insistirem em alimentar as aves deverão agora pagar uma multa, e a arquitetura talvez não mais receba fezes de pombos, e sim um restauro. Ou, talvez, os pombos continuem a habitar a Praça e a interagir com os turistas, buscando apenas outra forma de alimentação.

Em escala nacional, outras notícias trazem a questão do combate e extermínio de pombos, tanto por meios legais quanto ilegais, para a realização de controle destas aves. No primeiro caso, tem-se o registro de medidas tais como utilização de falcões, que são os “predadores naturais” dos pombos, em Campo Grande/MS (FALCÕES..., 2015), e a utilização de robôs que imitam falcões, batendo asas e emitindo sons para espantar os pombos, em Edimburgo (Escócia), Reino Unido e Holanda (RIBEIRO, 2013). Já no segundo caso, as medidas são adotadas por sujeitos desconhecidos, e não por um órgão público e/ou responsável e habilitado para a realização de atividades de controle de zoonoses<sup>3</sup>. Trata-se de abates por envenenamento das aves: em Caxias do Sul/RS (MAIS DE 100..., 2016), após as aves ingerirem um farelo amarelo, e em Belo Horizonte/MG, com “chumbinho” (COUTINHO, 2014). Essas matanças são consideradas ilegais e criminosas, tendo em vista o Artigo 29 da Lei 9.605/1998 que considera crime contra a fauna “matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente.” (BRASIL, 1998).

Nessa mesma linha destaco um caso ocorrido em Londrina – PR, em 2014, onde um monsenhor fala sobre um abaixo assinado, organizado pelos moradores de lá, defendendo o abate de pombos, pois é a única solução. Para ele,

[...] o abate das aves poderia melhorar a situação de quem frequenta a Catedral. Ambientalistas e algumas autoridades são contra a medida. Eles acreditam que o abate é uma solução muito cruel para os animais. O Monsenhor, porém, desafia quem não apoia a medida: “Se ambientalista quer saber, que venha aqui, que more aqui, que fique um dia, quando tem esse cheiro. Nós estamos *defendendo a saúde*. Estamos *defendendo a população*”, diz (IGREJA..., 2014).

<sup>3</sup> De acordo com o Artigo 4º da Resolução 384/2015 do CFBio, “o biólogo é o profissional legal e tecnicamente habilitado a atuar no controle de vetores e pragas sinantrópicas.” (CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA, 2015).

O incômodo com os pombos, a sujeira e o mau cheiro parecem ser tão assombrosos que é possível – a um religioso e aos assinantes do abaixa-assinado, ao menos – desconsiderar o fato de que, por trás de cada pombo a ser abatido, existe uma vida, além de um crime ambiental. A defesa à população que prega o Monsenhor no caso de Londrina pode nos remeter à biossegurança. Fortané e Keck (2015, tradução nossa) definem a biossegurança como uma preparação “para uma catástrofe com a probabilidade do que é incalculável e a ocorrência do que é considerado iminente”. Assim, entendo que, em termos de doença, os pombos ilustram muito bem essa lógica, tanto neste caso de Londrina – PR, quanto em meu campo etnográfico no Porto de Santos e em demais contextos em que pombos são vistos como potenciais ameaças e possíveis transmissores de doenças, sendo passíveis de controle. Além da biossegurança, o incômodo com a sujeira e o mau cheiro pode remeter à ideia de impureza, desordem e o grotesco. Isto é, quando algo se encontra num espaço em que supostamente não deveria estar, este algo é tido como uma desordem ou mesmo como algo que suja – como no exemplo dado por Mary Douglas (1991, p. 30) sobre os sapatos.

Deste modo, a cidade supostamente não deveria ser o espaço dos pombos – pois cidades não são lugares para animais livres ou soltos –, mas quando passam a habitá-la, são tidos como algo fora do lugar, que causa desordem. Segundo Jerolmak (2008), os pombos, além de se associarem aos ratos, também passam a ser uma espécie “sem lar” que invade o espaço humano. Também aposto na relação dos pombos com a estética do grotesco (BAKHTIN, 1987), embora Jerolmak não a postule. A estética do grotesco tem os orifícios do corpo (nariz, boca, ânus) como seus maiores símbolos, pois, é por meio destes orifícios que ocorre a expulsão de excrementos, o que sugere a ideia de exceder os limites do corpo e atravessar fronteiras. Sendo os pombos muito assimilados às suas fezes – um produto corporal que excede o corpo – eles seriam, então, esses animais liminares que atravessam as fronteiras da natureza e da cultura, do puro e do impuro, da ordem e da desordem, do selvagem e do civilizado.

Passemos agora para a escala local da cidade de Santos – SP. O primeiro registro de uma ambiguidade acerca dos pombos que encontrei em minhas buscas por notícias sobre o assunto é datado de 1994. Uma notícia do jornal *A Tribuna*, com o subtítulo “As aves, que simbolizam a paz e o amor, na verdade são transmissoras de doenças graves, que podem inclusive levar à morte” (POMBOS..., 1994). Ao longo da notícia, estão expostos os depoimentos de uma bióloga e um veterinário, que alertam para medidas para se reduzir a população de pombos na cidade. Segundo a bióloga, é devido à carga simbólica de paz, amor e religião dos pombos que “fica difícil as pessoas entenderem e aceitarem qualquer tipo de ação que vise, por exemplo, matar os pombos”. Isto é, parece ser difícil de convencer as pessoas dos “perigos” dos pombos, com tanto simbolismo a eles atrelados – algo muito diferente de alguns registros mais recentes.

No geral, de 1992 a 2016, as notícias em Santos se dividem entre alertas à população sobre medidas de controle para reduzir a população de pombos, riscos de doenças, problemas com sujeira, problemas no cais do porto, sua “guerra contra os pombos”, e elogios às práticas de columbofilia: aos pombos-correios, columbófilos e competições. Só neste cenário santista, as opiniões acerca destas aves são divididas entre as representações de símbolos religioso e amoroso, as práticas esportivas e os riscos de doenças – que os pombos também podem representar. Foi dentro dessa chave do risco de doenças que realizei minha pesquisa etnográfica no Porto de Santos, uma vez que os pombos passaram a ser considerado um problema de saúde pública, devido à sua quantidade populacional na região, diretamente atrelada à grande movimentação de grãos no porto. Quanto mais se expandiam as atividades portuárias, mais pombos eram atraídos pela grande oferta de alimento.

Deste modo, minha pesquisa consistiu em acompanhar um programa de controle de pombos no porto, instituído pela autoridade portuária CODESP (Companhia Docas do Estado de São Paulo). O programa consistia, basicamente, na instalação e monitoramento de barreiras físicas, químicas e eletromagnéticas – dentre as quais compreendiam telas, fios tensores, géis repelentes, dispositivos eletromagnéticos – a fim de não permitir que os pombos se aninhassem no porto, embora ainda estivessem de passagem e se alimentando por todo o cais.

Na prática, acompanhava os técnicos da GESET (Gerência de Segurança do Trabalho) nas inspeções de monitoramento das barreiras, onde verificavam se estavam em boas condições e se necessitavam reparos. Ao longo das inspeções, observava as diversas situações que davam condições para a presença dos pombos, em especial o transporte – e seu consequente derramamento nas vias – de grãos, bem como conversava com os trabalhadores portuários sobre o que pensavam e como lidavam com a presença dos pombos no dia-a-dia de trabalho. Conversei, majoritariamente, com técnicos portuários de fiscalização e guardas portuários – ambos trabalham diretamente no cais. A partir dessas conversas pude perceber certa nebulosidade quando o assunto era doença, muito diferente de quando me falavam sobre os incômodos e prejuízos causados pelas fezes dos pombos. Estas eram o principal incômodo sentido no porto, uma vez que atingiam os trabalhadores e seus carros. Quando perguntava a estes trabalhadores o que achavam da presença dos pombos no porto e como eles afetam na rotina portuária e em seus trabalhos, eles me diziam coisas como: “tenho raiva deles nos carros, não servem pra nada, só pra cagar em cima dos carros”; “essa presença [dos pombos] para a saúde é grave, transmite doenças”; “eu entrei [para trabalhar no porto] com 20 anos, [a presença dos pombos] não incomoda, apesar que eles falam que traz doenças... Mas é nós [trabalhadores] aqui, eles [pombos] lá”; “no nosso dia-a-dia não afeta, mas a saúde sabe-se lá... Pra entrar aqui [no cais] você tem que pôr a mão na máquina, vai saber se tem fezes lá”; “não afeta no dia-a-dia, mas a saúde...”; “acho que não afeta, mas afeta pelo motivo da sujeira: eles defecam”. Embora muitos deles apontem uma preocupação com questões referentes à saúde e doença, esse não parecia ser o problema corriqueiro. Quando falavam das doenças, sempre pareciam sugerir como uma possibilidade de um risco futuro, porque nunca tinham conhecido – ou ouvido falar de – alguém que tivesse contraído alguma doença transmitida pelos pombos. Ademais, ninguém sabia dizer ao certo que doenças os pombos são capazes de transmitir. Os problemas que eles me disseram já ter visto e experienciado eram, de fato, as fezes neles próprios ou em seus carros, bem como a sujeira decorrente das mesmas.

\*\*\*

Por outro lado dos limiares do que pode um pombo, trago agora notícias referentes ao convívio pacífico, por assim dizer, entre pessoas e pombos, ou situações em que estes passam a ser queridos e/ou valorizados pelas pessoas. Isso ocorre, conforme já mencionado no caso de Veneza, quando as pessoas alimentam e deixam os pombos se empoleirarem em seus imóveis e em seus corpos, e ainda em Teresina – PI (RIBEIRO, 2015), que teve uma praça pública reabilitada por conta da interação das pessoas com os pombos: turistas iam ao local alimentar e tirar fotos com os pombos empoleirados em seus ombros, tornando tal prática comum naquele local.

Outra relação a ser considerada pode ser a de apreciação dos pombos como uma forma de arte. Em 2012, na Bienal de Arquitetura de Veneza, dois artistas fizeram um projeto intitulado “*Some pigeons are more equal than others*”, que consistia em colorir os pombos da Praça São Marcos de variadas cores (amarelo, azul, roxo, verde) com o objetivo de que os pássaros fossem mais bem aceitos pelas pessoas: “se você for capaz de mostrar isso [que cada pombo tem uma identidade própria] por meio de diferentes cores, os pombos serão mais aceitos pelas pessoas”, diz a notícia (SQUIRES, 2012). Projetos artísticos que envolvem animais, como a chamada bioarte (KIRKSEY; HELMREICH, 2010)<sup>4</sup> – produzida a partir de alterações biológicas artificiais –, ou mesmo tais práticas como marcá-los com tinta, costumam gerar polêmicas. Como exemplo disso, pode-se citar o caso de um elefante que foi grafitado num zoológico da Filadélfia, um elefante que foi pintado semelhante a um papel de parede, na Califórnia, e dois porcos tatuados na China. Os três casos tiveram uma repercussão crítica, sendo alguns considerados como abusos contra animais e atos ilegais (VALENTINE, 2012). Embora não se saiba se o projeto com

<sup>4</sup> Kirksey e Helmreich (2010) estabelecem uma comparação entre a bioarte e a biopolítica de Foucault, no que diz respeito a um poder de controle e disciplina sobre o corpo. Como exemplo de bioarte, os autores citam o caso de um coelho que foi modificado geneticamente recebendo genes de água-viva (*jellyfish*) para que apresentasse uma coloração verde reluzente (*glowed green*).

os pombos tenha causado uma repercussão similar, parece não haver uma grande comoção para com estes animais. Os artistas enfatizam que as tintas utilizadas para colori-los são “corantes naturais”, “não tóxicos” e “inofensivos para a saúde dos pombos”, mas o ponto mais repercutido é, obviamente, a proposta do projeto:

Essa infusão de cores presta uma nova dimensão à experiência habitual de um encontro entre um humano e um animal reluzente. O pombo - considerado, na melhor das hipóteses, um portador de doenças ignorado e símbolo de mal-estar cultural urbano - subitamente torna-se um animal. A alteração de cor temporária e artificial na ave é suficiente para trazer de volta sua renaturalização (BISMARCK, 2016, s/p).

Enquanto a tinta é inofensiva à saúde dos pombos, ela desestabiliza a certeza de nossas percepções no que se refere aos papéis da arte, instituições e animais urbanos - incluindo humanos - quando diferentes espécies interagem em espaços públicos, o espaço de seus direitos e de sua vida cotidiana. Pombos coloridos reinserem-se na esfera pública como uma nova espécie de classificações, desafiando aqueles com quem co-constituem a cidade a fim de reorientar suas percepções e renegociar os termos em que cada qual coabita (CHARRIERE, 2016, s/p).

Se os artistas estiverem certos, os pombos se “tornariam animais” (e, ainda, sem problematizar aqui a questão de “renaturalização”) quando pintados. Assim, apenas depois de os pombos serem pintados é que, talvez, além de ganharem a atenção das pessoas que passavam pelas ruas, também pudessem receber alguma preocupação por parte de ativistas ou defensores dos animais, pois, por fim, teriam se tornado indivíduos, saindo do anonimato da multidão (ou bando).

Além deste projeto, o fotógrafo nova-iorquino, Andrew Garn, se propõe a fotografar pombos, muito dos quais provenientes de um centro de reabilitação de aves (*Wild Bird Fund's*), com a finalidade de, como ele diz, capturar a essência e a personalidade das aves. Ele entende que a quantidade de pombos é problemática e um fator que influencia na percepção das pessoas, uma vez que, se em menor quantidade, as pessoas os veriam de forma diferente. Ele compara a raridade às joias:

“O problema é que tem muitos pombos”, diz Garn. “Se eles fossem raros, as pessoas os veriam de maneira diferente. Eu os vejo como joias.” [...] “É fácil fotografar algo que já é considerado bonito, como uma flor no campo, mas é difícil focar em algo que é visto todos os dias”, ele diz (SILBER, 2015).

A respeito dessa tensão entre individualidade e multidão, resgato a noção de legião de Deleuze e Guattari (1997). Um pombo sozinho não parece ser uma ameaça, ou exigir preocupação, tendo em vista, sobretudo, as falas de meus interlocutores portuários de que “isso não é nada”, ao se referir a um pequeno bando de pombos. Nesse sentido, as ideias de multiplicidade, multidão, bando, de Deleuze e Guattari (1997) são interessantes para se pensar no funcionamento de uma multidão, ou bando (de pombos) como um coletivo de fato, sem o caráter da individualidade. A multidão é incômoda, perigosa, desmedida e fora de controle, ameaçando as leis e o Estado. Diante disso, o que me parece, sim, é que os pombos configuram uma potencial ameaça no porto quando num bando bastante numeroso, por, justamente, acionar essas concepções sobre a multidão. Pensando a partir destas categorias, pombos na condição de multidão podem ser pragas, transmissores de patógenos, indesejados, *unloved others*, ao passo que, como sujeitos individuais, podem ser apreciados, seja como arte, esporte, ou companhia. Contudo, fazem-se também ambíguos, não podendo se valer como uma regra, pois nos casos de turismo, tanto de Veneza, quanto de Teresina, os pombos são queridos enquanto multidão. Isto é, embora em alguns cenários a individualidade se sobressaia pelo aspecto de originalidade e uma possibilidade de cativação ou apreciação, não é possível afirmar que os pombos sempre, em sua individualidade, causarão este mesmo apreço às pessoas; mas é possível identificarmos que a quantidade das aves afeta a relação.

A meu ver, esta noção de Deleuze e Guattari (1997) sobre a multidão também diz respeito à concepção de demofobia. Taís Aguiar (2009, 2011) se utiliza dessa ideia como importante para se pensar a democracia moderna, resgatando os pensamentos de vários autores sobre o medo – e seus derivados, como o desprezo, o asco, a repulsa – da multidão. Embora toda essa reflexão da ciência política trate de multidões humanas, interessa-me o caráter político. Isto é, a multidão sempre foi vista como irracional, perigosa, selvagem (LEBON, 1980) e, portanto, avessa a qualquer ideia de civilidade. Penso que, se uma multidão humana foi compreendida por muito tempo, sobretudo pela “psicologia das massas” (conforme também LEBON, 1980), como uma aproximação com uma ideia de animalidade em todo seu sentido inferior, sendo necessário que, adiante, se reformulasse o termo “multidão” para “povo” – pelo fato de o primeiro ser atribuído ao perigo –, então uma multidão animal – seja um bando, uma matilha, um enxame – deva ser compreendida como ameaça, e da necessidade de controle e governo, numa proporção muito mais elevada. Para Laura Borsellino (2015, p. 84), os animais passam a ser considerados como pragas quando numa grande população. Enquanto espécie “é sua adaptação e capacidade de mobilidade que têm possibilitado os animais liminares a viver junto dos humanos” – argumenta Borsellino (2015, p. 85, tradução nossa) –, mas enquanto indivíduo “existem poucas chances de alternar entre diferentes territórios de caça e criação com sucesso”.

Pombos ainda podem ser atletas, no contexto da prática esportiva da columbofilia. Historicamente, pombos tiveram sua importância, sobretudo nas guerras, atuando como pombos-correios. Durante a Primeira Guerra Mundial um pombo-correio, que ficou conhecido pelo nome de Cher Ami, foi condecorado herói na França ao enviar uma mensagem aos soldados norte-americanos que estavam atacando sua própria tropa<sup>5</sup>. Atualmente, pombos-correios são criados com um objetivo esportivo, a prática da columbofilia. Mesmo sendo mais popular em Portugal, por exemplo, a columbofilia também é praticada no Brasil. O esporte é, basicamente, uma competição de “pombos-correios”. Estas aves, consideradas “atletas alados” (ABREU, 2015), são diferenciadas dos “pombos urbanos”, diferenciação esta evidenciada na fala de um criador de pombos-correios que afirma que “os animais em questão [os pombos-correios] sofrem um forte preconceito por conta de um senso comum em relação às espécies encontradas nas ruas”. Nota-se claramente a diferenciação neste trecho, mas faz-se um tanto contraditório ao dizer, em seguida, que “[o]s pombos não transmitem doenças como se é veiculado [...] não existe doença exclusiva de pombo” (NO DISTRITO..., 2015). De uma maneira ou de outra, é sugerido que, devido aos cuidados específicos para com os pombos-correios, estes estão “imunes” à posição de vetores em que os “pombos urbanos” se encontram, isto é, não se trata de um problema da espécie *Columba livia*, mas das condições a que estão submetidos.

Estas notícias, portanto, mostram a variedade e complexidade das relações materiais e simbólicas que podem ser entrelaçadas entre humanos e pombos, os afetos de que estes últimos são capazes em seus encontros com os humanos. Busquei evidenciar, nesta seção, o que pode um pombo, de tantas maneiras. Além disso, ao demonstrar toda essa variedade do que é, e o que pode um pombo, fica mais fácil percebermos que, de fato, não é os agentes quem definem as relações a priori, muito menos a noção biológica de espécie, mas os agentes se fazem em relação. Pombos, humanos, corujas e outros seres se co-constituem em relação, em seus limiares de afetos, em seus limiares do que podem.

## Considerações Finais

Para concluir este artigo, gostaria, então, de tornar mais claro o fato de que os pombos podem ser, ou performar, uma multiplicidade ontológica (MOL, 2007), isto é, não se trata de simplesmente ver, ou olhar para, os pombos de diferentes maneiras a depender do contexto ou situação, mas de esta ave, de fato, performar distintas relações, para além da condição e terminologia biológica de espécie.

<sup>5</sup> A respeito do uso de pombos-correios na Primeira Guerra Mundial, em especial o caso de Cher Ami, ver: Duhaime-Ross (2015).

Percebe-se, deste modo, que não são as espécies que determinam uma relação, mas, de fato, as práticas material-semióticas, isto é, “as estruturas sociais [que] estão sendo geradas no mesmo instante que as formas científicas (ou outras) de classificação e conhecimento” (LIEN; LAW, 2011, p. 68, tradução nossa). Isso é válido para as diversas maneiras de ser dos pombos, bem como para as diversas outras relações que são entretecidas entre pessoas e outros animais – como os exemplos da coruja orelhuda que trouxe neste artigo.

Embora “pombos” e “pombos brancos” seja a mesma espécie zoológica, *Columba livia domestica*, isto não os tornam animais iguais, em vários sentidos. Por isso entendo que a ideia, destacada por Lien e Law (2011), de práticas material-semióticas seja mais estratégica para se falar dos pombos em termos antropológicos. Essas práticas remetem à ideia de que os animais são simultaneamente agentes – por agirem no mundo material – e signos, o que dialoga com a proposição de Felipe Vander Velden (2015) de que os animais podem ser, e são, agentes e signos ao mesmo tempo, e que não é preciso escolher entre uma das duas perspectivas antropológicas.

No caso estudado por Lien e Law (2011, p. 82, tradução nossa), os autores explicam que “o que um salmão é em um lugar, será diferente do que ele é em outro”, pois não é o animal (partindo apenas do pressuposto de sua espécie) que determinará a relação *a priori*, isto é, não são os termos que definem as relações, mas a relações significam e ressignificam os agentes em relação a todo o tempo: as relações definem os termos. Esta é uma das ideias de Espinosa sobre os afetos que podem ser produzidos pelos corpos de forma diferente em cada encontro. Além disso, esta não é uma ideia nova na Antropologia; basta lembrarmo-nos das “estruturas performativas” em contraposição às “prescritivas”, de que fala Marshall Sahlins (1990, p. 12). Em suas palavras, “se os amigos criam presentes, os presentes também criam amigos ou talvez como melhor diriam os esquimós, dádivas criam escravos – como os chicotes criam cachorros”. Isto quer dizer que as relações não são dadas *a priori* por seus termos em relação, mas, justamente, os agentes são performados na relação. No exemplo em questão, não é, necessariamente, porque os agentes são amigos que eles se presenteiam; mas que ao se presentearam performam uma relação de amizade.

Assim, olhando para as relações que são estabelecidas no mundo material, e nos significados e representações dos pombos, ou seja, nas práticas material-semióticas com estas aves, é que entendo que será mais fácil de compreendermos o que pode (ser), afinal, um pombo. Pois, se “alguns animais são mais iguais que outros” (ORWELL, 2007, p. 106), os pombos, certamente, são mais iguais a outros indesejados e não amados: (alguns) ratos (os sem asas) e humanos.

## Referências

- ABREU, F. O eterno enigma dos pombos. *Jornal de Notícias*, 26 maio 2015. Disponível em: [www.fpcolumnofilia.pt/FundoNacional2015/JornalDeNoticias.pdf](http://www.fpcolumnofilia.pt/FundoNacional2015/JornalDeNoticias.pdf). Acesso em: 3 dez. 2015.
- AGUIAR, T. A demofobia na democracia moderna. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 609-650, 2011.
- AGUIAR, T. Da importância da noção de “demofobia” para pensar a democracia moderna. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 33., 2009, Caxambu. *Anais* [...]. São Paulo: ANPOCS, 2009.
- BAKHTIN, M. A imagem grotesca do corpo em Rabelais e suas fontes. In: BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BISMARCK, Julius Von. Some pigeons are more equal than others. Disponível em: <http://juliusvonbismarck.com/bank/index.php?/projects/some-pigeons-are-more-equal-than-others/>. Acesso em: 26 nov. 2016.
- BORSELLINO, L. Animales liminales en la urbe: espacios, resistencia y convivencia. *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*, Buenos Aires, año 2, v. 1, 2015.
- BRASIL. *Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998*. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9605.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm). Acesso em: 5 jul. 2019.
- CÂMARA de Vereadores aprova projeto que proíbe alimentação de pombos em Caxias do Sul. *Pioneiro*, Porto Alegre, 28 ago. 2013. Disponível em: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2013/08/camara-de-vereadores-aprova-projeto-que-proibe-alimentacao-de-pombos-em-caxias-do-sul-4250190.html>. Acesso em: 24 fev. 2016.

CHARRIERE, Julian. Some pigeons are more equal than others. Disponível em: <http://julian-charriere.net/projects/some-pigeons-are-more-equal-than-others>. Acesso em: 26 nov. 2016.

CONSELHO FEDERAL DE BIOLOGIA. Resolução CFBIO n. 384 de 12 de dezembro de 2015. Dispõe sobre a atuação do Biólogo no Controle de Vetores e Pragas Sinantrópicas. *Diário Oficial da União*: Seção 1, 17 dez. 2015. Disponível em: <https://www.crbio01.gov.br/legislacao/resolucoes?page=4>. Acesso em: 5 jul. 2019.

COUTINHO, J. Extermínio de pombos na Savassi causa indignação e indiferença”, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 jan. 2014. Disponível em: [http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/01/11/interna\\_gerais,486837/exterminio-de-pombos-na-savassi-causa-indignacao-e-indiferenca.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/01/11/interna_gerais,486837/exterminio-de-pombos-na-savassi-causa-indignacao-e-indiferenca.shtml). Acesso em: 14 dez. 2015.

CREADO, E. S. J.; TORRES, C. C. A.; FREITAS, P. L. T. Ambientalismo, tecnociência e espécies emblemáticas: algumas reflexões a partir de elefantes africanos e tartarugas marinhas. In: BEVILAQUA, C. B.; VELDEN, F. V. (Org.). *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*. São Carlos-Curitiba: Editora UFPR-EdUFSCar, 2016, p. 343-374.

DELEUZE, G. *Espinosa*: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 4.

DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Maná*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 23-45, 1998.

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

DUHAIME-ROSS, A. The Verge Review of Animals: the pigeon”. The Verge, 13 de dez. 2015. Disponível em: <http://www.theverge.com/2015/12/13/9878736/pigeon-review-animals>. Acesso em: 24 fev. 2016.

FALCÕES combatem população de pombos na rodoviária da Capital. *Correio do Estado*, São Paulo, 13 abr. 2015. Disponível em: <http://www.correiodoestado.com.br/cidades/campo-grande/falcoes-combatem-populacao-de-pombos-na-rodoviaria-da-capital/244033/>. Acesso em: 24 fev. 2016.

FORTANÉ, N.; KECK, F. How biosecurity reframes animal surveillance. *Revue d'anthropologie des Connaissances*, Grenoble, v. 9, n. 2, 2015.

IGREJA faz abaiixo-assinado pelo abate de pombos em Londrina, no Paraná”, *G1 Norte e Nordeste*, Londrina, 26 maio 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2014/05/igreja-faz-abaiixo-assinado-pelo-abate-de-pombos-em-londrina-no-parana.html>. Acesso em: 25 set. 2015.

JEROLMAK, C. How pigeons became rats: the cultural-spatial logic of problem animals. *Social Problems*, Oxford, v. 55, n. 1, p. 72-94, 2008.

KIRKSEY, S. E.; HELMREICH, S. The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, Arlington, v. 25, n. 4, p. 545-576, 2010.

LEBON, G. *Psicologia das multidões*. Lisboa: Edições Roger Delraux, 1980.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Anhembí, 1957.

LIEN, M.; LAW, J. ‘Emergent aliens’: on salmon, nature, and their enactment. *Ethnos*, Stockholm, v. 76, n. 1, p. 65-87, 2011.

MAIS DE 100 pombas são encontradas mortas na Serra do RS. *G1 Globo*, São Paulo, 14 jan. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/01/mais-de-100-pombas-sao-encontradas-mortas-na-serra-do-rs.html>. Acesso em: 14 set. 2016.

MOL, A. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. In: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (org.). *Objectos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2007. p. 63-75.

NO DISTRITO Federal, homem cria 176 pombos-correio. *R7* 17. Brasília, 17 maio 2015. Disponível em: [www.noticias.r7.com/distrito-federal/no-districto-federal-homem-cria-176-pombos-correio-17052015](http://www.noticias.r7.com/distrito-federal/no-districto-federal-homem-cria-176-pombos-correio-17052015). Acesso em: 3 dez. 2015.

ORWELL, G. *A revolução dos bichos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

OVERING, J. Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. *Maná*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 81-107, 1999.

POMBOS continuam proliferando e são perigosos”. *A Tribuna*, 5 ago. 1994.

PORNE, C. Guarulhos cria multa para quem alimentar pombos em locais públicos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31 ago. 2015. Disponível em: <http://mural.blogfolha.uol.com.br/2015/08/31/guarulhos-cria-multa-para-quem-alimentar-pombos-em-locais-publicos/>. Acesso em: 24 fev. 2016.

POVOLEDO, E. Venice bans pigeon feeding in St. Mark's Square. *The New York Times*, New York, 8 maio 2008. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/05/08/world/europe/08iht-pigeon.4.12710015.html>. Acesso em 26 de setembro de 2015. Acesso em: 14 dez. 2015.

RIBEIRO, D. Robô é instalado para espantar pombos em estação de trem na Escócia. *Tech Tudo*, São Paulo, 21 mar. 2013. Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2013/03/robo-e-instalado-para-espantar-pombos-em-estacao-de-trem-na-escocia.html>. Acesso em: 24 fev. 2016.

RIBEIRO, E. Garças e pombos reabilitam dois pontos turísticos de Teresina. *Meio Norte*, [S.I], 19 jan. 2015. Disponível em: <http://www.meionorte.com/blogs/efremribeiro/passaros-reabilitam-dois-pontos-turisticos-de-teresina-310403>. Acesso em: 14 dez. 2015.

ROSE, D. B.; VAN DOOREN, T. Unloved others: death of the disregarded in the time of extinctions. *Australian Humanities Review*, Canberra, v. 50, 2011.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SILBER, E. Pigeon portraits reveal the city bird's true beauty. *Audubon*, Nova York, 15 set. 2015. Disponível em: <https://www.audubon.org/news/pigeon-portraits-reveal-city-birds-true-beauty>. Acesso em: 25 set. 2015.

SINGER, P. *Animal liberation*. New York: Random House, 1989.

SQUIRES, N. Venice's pigeons dyed red, blue and green. *The Telegraph*, 27 ago. 2012. Disponível em: [www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/italy/9501773/Venices-pigeons-dyed-red-blue-and-green.html](http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/italy/9501773/Venices-pigeons-dyed-red-blue-and-green.html). Acesso em: 26 set. 2015.

STEWERT, P. Venice to fine tourists who feed pigeons. *The Reuter*, [S.I], 30 abr. 2008. <http://www.reuters.com/article/us-venice-pigeons-idUSL3070027920080430#mfPwC0cwMLkZbLTT.97>. Acesso em: 14 dez. 2015.

VALENTINE, B. Painted pigeons: political commentary or pop street art? *Hyperallergic*, 25 out. 2012. Disponível em: <https://hyperallergic.com/58034/painted-pigeons-political-commentary-or-pop-street-art/>. Acesso em: 26 set. 2015.

VELDEN, F. V. Apresentação ao dossiê: animalidades plurais. *R@u: Revista de Antropologia da UFSCar*, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 7-16, 2015.